

# PROFESSOR DE MATEMÁTICA: ENSINAR NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL SEM IDENTIFICAÇÃO OU NÃO GOSTAR DA DISCIPLINA

Allan Gomes dos Santos <sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo retrata uma pré-pesquisa de campo que embasará um projeto de pesquisa a nível de Doutorado. Assim, esse trabalho tem o objetivo de descobrir e analisar as consequências da falta de identificação dos professores que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental com a Matemática. Esta verificação inicial se baseou em linhas teóricas e práticas que por meio de uma investigação de campo realçará nossa pesquisa principal. Desse modo, procuremos constatar a real falta de identificação com o ensinar matemática de nossos docentes nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Tal abordagem foi fundamentada na observação e experiência docente e nosso estudo é um desenvolvimento que podemos classificar como uma pesquisa descritiva na forma de uma pesquisa de opinião. Os resultados mostram que o distanciamento com os conteúdos matemáticos e a falta de afinidades com a disciplina advém do não gostar ou medo da matemática em si, oriunda desde as suas formações anteriores. Por fim, queremos desenvolver esta problematização para fins de pesquisa futura e, ao mesmo tempo, através destas pré-constatações iniciais desta pré-pesquisa descobrir se o docente ao ter ou não prazer e identificação no que faz terá mais chances de ser um bom profissional na área, ponto fundamental para que o enlace entre seus saberes prévios e os processos de formação fomentem numa caminhada para um ensinar com dedicação, sentimento e amor.

**Palavras-chave:** Educação matemática, Ensino Fundamental, Falta de identificação docente.

## INTRODUÇÃO

Esta pré-proposta de projeto de pesquisa se alicerça por duas circunstâncias do contexto educacional nacional: primeiro se dar por um resultado bem atual que é do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa, na sigla em inglês), divulgados neste mês de dezembro de 2019, dados referentes à edição 2018 (realizada a cada 3 anos) que menciona que dois terços dos estudantes brasileiros de 15 anos têm um nível de aprendizado em matemática mais baixo do que é considerado "básico" pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), considerada uma referência na qualidade de Educação. Outra situação preocupante ocorre com a avaliação estatal IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (últimos dados de 2017), que menciona a qualidade do ensino da Educação

---

<sup>1</sup> Doutorando do Curso de Ciências da Educação da Universidade Autônoma de Assunção – UAA, [rraav5@yahoo.com.br](mailto:rraav5@yahoo.com.br).

Básica nos Estados do Nordeste, ainda, permaneceu sem cumprir suas metas projetadas. Pode-se perceber que estas constatações avaliativas da educação atual nos Estados nordestinos ou de uma forma geral do Estado Brasileiro, tanto nos anos iniciais (1º ao 5º ano) e anos finais (6º ao 9º ano) do Ensino Fundamental, além do Ensino Médio, se reverberam não somente numa questão educacional, mas em contextos sociais, culturais e econômicos na formação do aluno como cidadão. Portanto, ações e atitudes necessitam ser pensadas e realizadas para que reflexões e mudanças acerca de um ensino mais significativo nas áreas de estudos de português e matemática, ou melhor, na revitalização completa destas áreas de estudos, com o intuito de superar estes índices desfavoráveis que já incomodam há muito tempo.

Então, no afã de procurar novos rumos, podemos diagnosticar inúmeros fatores concretos e reais ou explícitos que sustentam estes índices e a imagem negativa que nossa Educação Pública apresentam nos mais diversos sentidos e direções, como: a falta de uma verdadeira política educacional que fomente uma formação continuada para os professores; currículos e formação de profissionais adequados; valorização profissional; integração família-escola-sociedade; e dentre outros. Entretanto, apontar fatores claros ou que já estão explícitos é poder saber planejar e desenvolver metas que elevam a formação do profissional a um plano educacional executável e, porque não, executá-los e resolvê-los. Por outro lado, temos que observar que podemos ter um fator implícito que realça em nossa problemática de investigação: o professor das séries iniciais do Ensino Fundamental lecionar algo com o qual não se identifica ou não tem a mínima afinidade constituindo uma ação implícita desfavorável, tanto na sua conduta profissional, na sua formação, como na sua postura de se colocar como um professor-educador?

Além disso, nossa problemática espera que a escola sempre proporcione o melhor conhecimento aos seus alunos em todos os sentidos, portanto, contextualizar nosso objeto de pré-pesquisa é ter a expectativa de que essa escola promova condições para que o aluno se desenvolva para contribuir com a sociedade contemporânea, usando o que aprende na escola e na vida, aplicando suas habilidades e conhecimentos em seu desenvolvimento social, cultural e econômico. Para que esse contexto escolar seja atingido, é preciso que os professores busquem reais condições em sua prática docente, superando conflitos cognitivos que possa remeter a uma falta de identificação em seu trabalho.

Um professor em sua ação educativa precisa ser flexível para acompanhar as transformações dinâmicas da Sociedade, as mudanças educacionais dentro e fora da escola e os comportamentos cognitivos deste indivíduo num meio social. Ensinar é um processo em

movimento que deve ser continuamente interrogado e reinventado em suas ações, atitudes e prática. Então, dentre as variantes de incertezas pedagógicas, este nosso trabalho retrata uma pesquisa inicial, que chamaremos de pré-pesquisa, que tem como objetivo principal de investigação fomentar uma verificação de uma pergunta fundamental no contexto das problemáticas educacionais: “É possível ensinar algo que você não gosta ou que não se identifica?”

Tomando essa indagação como fonte analítica, buscamos verificar a importância que a falta de identificação com o contexto matemático provoca no desenvolvimento comportamental cognitivo do fazer ensinar dos professores, ou seja, se implica diretamente na questão de um domínio em sua práxis pedagógica em que os nossos professores devem possuir saberes profissionais cheios de pluralidade (Tardif, 2000) vindos à tona no âmbito de suas tarefas cotidianas. Discorrer sobre a falta de identificação na prática docente exige que falemos de sujeitos que possuem um ofício (Arroyo, 2011), o saber de uma arte, a arte de ensinar, e que produzem e utilizam saberes próprios deste ofício no seu trabalho cotidiano nas escolas. Além disso, queremos identificar neste foco de pré-pesquisa: se o fracasso escolar em nível de aprendizagem na matemática recai em algum comportamento de falha cognitiva de nosso docente em sua atuação em sala de aula, relacionando isso com o não gostar da matemática e, por fim, do lecionar esta disciplina sem identificação em seu ofício no âmbito das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Desse modo, ao problematizar a falta de afinidade docente com o seu ensinar propomos levantar um esboço, através da obtenção de dados estatísticos e apoios teóricos, que realcem esta falta de identificação, para entendermos o que poderemos fazer para mudar e quais novos rumos poderemos tomar no processo ensino/aprendizagem. Assim, iremos propor e considerar o comportamento da relação entre professor, aluno e conhecimento na conjuntura da prática docente.

Além disso, não é difícil encontrar nas escolas, nas ruas, na família, no trabalho, enfim, em todos os lugares e setores, sejam profissionais ou não, pessoas que não gostam da matemática. Muitos são os argumentos e explicações que geram este comportamento, como: não simpatizo com esta área de estudo. Mas, por que isso acontece? Conhecer suas causas é imprescindível para propor outras formas de intervenção nesta realidade e este é nosso objeto de pesquisa que não recai somente sobre a matemática, nossa formação e objeto de atuação docente, mas pode ser alcançado em qualquer outra área de estudo que nossos docentes das séries iniciais do Ensino Fundamental precisam lecionar (português, ciências e estudos sociais).

Nossa pré-pesquisa gera um arcabouço que sintetiza reflexões e interpretações pessoais vivenciadas, através de comportamentos, de discussões e observações no contexto escolar, para tanto, propomos desenvolver uma pesquisa não com o público discente, mas com a demanda de futuros docentes do Curso Normal Médio que se encontram no último ano de formação (4 ano), que chamaremos de alunos-professores. Neste intuito podemos citar (Libâneo, 2004) que vem contribuir neste contexto de público alvo da pesquisa, que diz: não há reforma educacional, não há proposta pedagógica sem professores, já que são os profissionais mais diretamente envolvidos com os processos e resultados da aprendizagem escolar. Para (Tardif, 2002, p.54), o docente possui um “... saber plural, formado de diversos saberes provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana”.

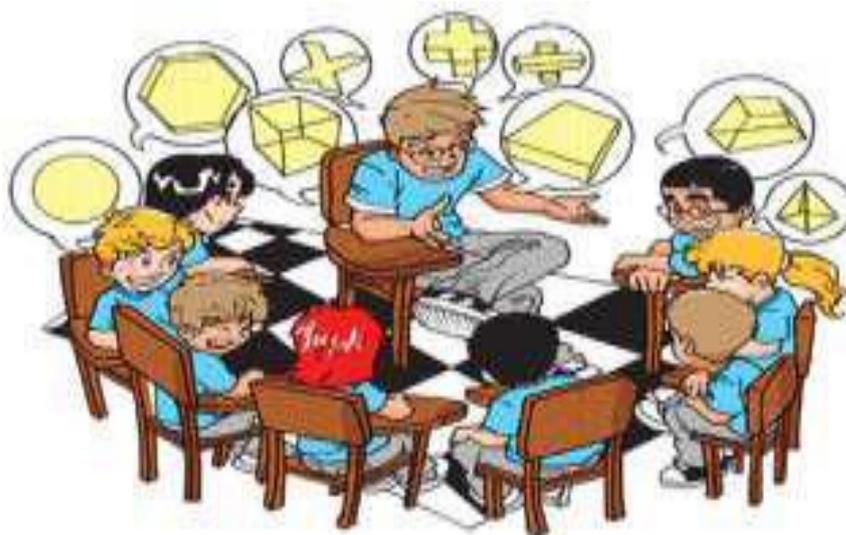
Assim, queremos detectar que no desenvolvimento da prática do ensinar a disciplina de matemática, sem a aptidão ou identificação apropriada, os professores podem causar consequências graves em seu profissionalismo com docente e em suas contínuas formações, e, porque não, na aprendizagem de seus alunos. Para reforçar este contexto de averiguação (Freire, 1996) menciona que só agimos sobre aquilo que se conhece, se conseguirmos analisar e transformar em forma de aprendizagem.

Além disso, acreditamos que nossa problematização está “mascarada” ou implícita dentro do processo educacional, na formação dos saberes de nossos docentes atuantes de sala de aula, onde não gostando ou não se identificando com o seu fazer de ofício desenvolvem implicações atuais e futuras das mais graves possíveis em sua prática docente, podendo, além disso, criar condições de distanciamento entre o ensinar e aprender. Nessa perspectiva, é importante refletir (Tiba, 1996) que cita que ensinar é transmitir o que você sabe para quem quer saber, portanto, é dividir sua sabedoria.

Desse modo, ter afinidade com o que se faz em sua atuação de professor, é indispensável em sua conduta profissional para a prática educativa, pois “... ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria produção ou sua construção.” (Freire, 1996, p. 52). Isso nos remete a buscar entender e compreender que: a falta de habilidades de cognição por parte de nossos docentes em relação à matemática/ou desenvolve dificuldades com o seu ensinar e, ainda, fatores cognitivos de distanciamento com a disciplina implica numa não busca de formação continuada, de querer aprender através da pesquisa e investigação e bem como na sua postura de se colocar como um professor-educador ou pesquisador.

Assim sendo, observamos que nossa pré-pesquisa é relevante porque queremos verificar no lado docente a importância do sentimento do gostar do que faz para que os comportamentos não gerem fatores estruturais cognitivos que distanciam a pessoa do seu ofício, pois verificando esta situação problema teremos mais chances de entender um bom profissional na área, ponto fundamental para que o enlace entre seus saberes prévios e os processos de formação futura de nossos futuros docentes atuantes em sala de aula nas séries iniciais do Ensino Fundamental fomente uma jornada de sucesso na aquisição de ser um educador, e elimine as diversas questões que criam obstáculos à caminhada para um ensinar com dedicação, sentimento e amor. Desse modo, acredita-se que nossa proposta possa contribuir de forma reflexiva para a compreensão de que devemos ter identificação com o nosso fazer docente e, portanto, construir verdadeiros saberes, interesses de formações continuadas e um profissional da educação dentro e fora de sala de aula (Figura 1).

Figura 1: Construir um fazer docente



Fonte: Revista Construínotícias nº35 ano 2007 p.53

Ainda, assim, nossos objetivos buscam a apreensão/compreensão no campo do fazer ensinar dos professores, que deslumbram uma situação inerente que é de não gostar de uma área de estudo que ensina e, assim, exercer sua função didática sem uma devida estimulação cognitiva causando dificuldades, dúvidas, insatisfação, falta de identificação e outros fatores em si próprio. Não podemos esquecer que o professor deve ter na sua missão pedagógica uma atuação estratégica em sala de aula, então, o problema que é ser um profissional exercendo suas atividades de ofício sem uma estruturação cognitiva de domínio, profundidade, conhecimento,

competência e outros fatores que perpassam o verdadeiro trabalho das ações do ensinar, inviabilizando qualquer tentativa de ação educativa de qualidade.

Esta pré-pesquisa foi montada e executada como uma forma de diagnosticar se nossas inquietações observadas no contexto escolar, ou melhor, no âmbito das salas de aulas do Curso de formação de professores na modalidade presencial/magistério de nível Médio eram reais e se configuravam numa visão geral de problema futuro para aqueles que iriam adentra ao magistério. Também, materializa um encontro de nossa trajetória acadêmica/profissional e nossa angústia de ver, sentir e ouvir esta área de estudo tão importante que é a matemática, sendo retratada de forma distante por aqueles que fazem o seu processo de ensino (professor) em uma condução profissional bem longe do que a disciplina merece, como importância e ciência que é.

Assim, para mapear nosso propósito de pesquisa levamos em conta nossas discussões, intervenções, observações, experiências vividas e conclusões relevantes de nossa prática em sala de aula, motivados pelas nossas formações profissionais iniciais e continuadas atuais na docência da Educação Básica e no Curso de Formação de Professores.

Por tudo isso, desejamos buscar respostas na obtenção de nosso objetivo proposto, que retrate o nosso objeto de pesquisa como um fator de importância educativa e social que é ser professor com “problemas cognitivos”, mas apto a reconhecer e, porque não, futuramente obter condições de melhorar a sua práxis pedagógica de sala de aula fortalecendo o entender a relação da identificação ou o gostar em seu ofício com o seu fazer verdadeiro fazer profissional de ensinar acarreta e o levará a ser um professor pesquisador, investigador, atualizado e com forte vontade de fazer suas formações continuadas, enfim, desenvolvendo a função de ser docente.

Em virtude disso, queremos nesta pré-pesquisa detectar e, posteriormente, realizar uma pesquisa mais ampla em nível de Doutorado com o intuito de fomentar a constatação que no desenvolvimento do ensinar com falta de identificação (por não gostar ou medo da disciplina) por alunos-professores ou professores atuantes em sala de aula continue a perpetuar consequências e distanciamentos no entendimento e gosto desta disciplina por parte de nossos alunos/professores/alunos e, porque não dizer, na matemática como ciência e formação cidadã.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho teve como parâmetro uma pesquisa de campo no ano de 2016 que foi iniciada e realizada de forma laboratorial no Instituto de Educação, Escola Estadual, localizada

em Maceió/AL e situada no CEPA/13<sup>a</sup>GERE. Foi elaborado um questionário com perguntas fechadas relacionado à situação socioeconômica dos/as estudantes e sobre suas relações com a área da Matemática e sua falta identificação com a com seus estudos ou interesse. Esta verificação pré-inicial de pesquisa buscou obter dados estatísticos que destaquem a importância da falta de empatia no ensino de matemática, salientando que esta falta de identificação com essa área de estudo por parte de nossos futuros docentes em formação poderá trazer, como consequência, reflexos relevantes no seu fazer ensinar como profissional em seu ofício. Sobre isso, (Bicudo, 1999, p.45) diz:

A aplicação dos aprendizados em contextos diferentes daqueles em que foram adquiridos exige muito mais que a simples decoração ou a solução mecânica de exercícios: domínio de conceitos, flexibilidade de raciocínio, capacidade de análise e abstração. Essas capacidades são necessárias em todas as áreas de estudo, mas a falta delas, em Matemática, chama a atenção.

Portanto, queremos inicialmente definir o caminho que adotaremos no futuro, e, assim, obter nesta pr -pesquisa dados preliminares que justifiquem nossa inquietação de observar nosso objeto de pesquisa. Neste intuito, nossa condução teve como base de análise o Curso Normal Médio na formação de professores, com alunos-professores em formação, e como instrumento de pesquisa foi empregado o questionário previamente estabelecido, com uma proposta diagnóstica que nos mostrasse a real dimensão da situação-problema, que é ter que ensinar algo com o qual não se tem afinidade ou gosto de fazer. Neste público alvo tivemos 02 (dois) períodos de coletas de dados que aconteceram no ano de 2016 (22 participantes) e 2017 (29 participantes). O fator quantitativo do público alvo nos dois momentos se deu devido à escolha destes universos, onde utilizamos somente alunos-professores do último ano, ou seja, 4<sup>o</sup> ano de formação. Os dados estatísticos obtidos nos contextos de estudos transcorreram com o intuito de evidenciar nosso objeto de pr -pesquisa e, por que não, contribui na busca de tomadas de decisões que fortaleça no grande objetivo que desenvolver uma pesquisa maior e mais ampla no contexto de tese de doutorado.

Nosso pr -estudo, em coerência com nosso objeto de investigação, é um desenvolvimento que podemos classificar como descritiva na forma de uma pesquisa de opinião. Isto porque nosso público alvo já é conhecido e queremos entender e definir o que pensam e como se comportam.

Por fim, queremos que este levantamento de dados, que chamaremos de primário, nos dará uma compreensão/interpretação sobre os rumos de nossa pesquisa futura, e, portanto, poderá determinar quais os caminhos futuros que poderão ser seguidos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa aplicada teve início no ano de 2016 e serviu para identificarmos o verdadeiro alcance de nosso objeto de estudo, onde participaram 22 alunos do 4º ano do Ensino Médio Normal. Num questionário mais sucinto com apenas 02 (duas) perguntas (Como era sua identificação com Matemática antes do Curso? e Como está atualmente sua identificação com a Matemática?), obtemos que 66% registraram a falta de identificação com a área de estudo. Tal investigação procurou desenvolver um sentido inicial de verificação na prática de nossas dúvidas e o alcance sobre os efeitos que a ausência de identificação ou receio com o ensino da matemática acarreta na formação docente e desenvolve no seu fazer matemática como profissional que serão de sala de aula. A análise final do resultado nos mostrou apenas uma constatação que chamaremos de informal, pois apenas nos deu uma visibilidade que a situação realmente existia.

No ano de 2017 foi aplicado um novo questionário (mais amplo em suas perguntas), com 06 (seis) perguntas, para 29 alunos, também, do último ano de formação 4º ano, onde o levantamento das informações contidas nas respostas dos alunos-professores pesquisados revela a percepção deles quanto a sua identificação ou gostar da disciplina matemática e com o seu fazer ensinar como docente. Então, as respostas do questionário nos levaram a seguinte análise, que, conjuntamente, com as tabelas abaixo expressam a descrição os valores numéricos e percentuais obtidos a partir das apreciações e interpretações das respostas de cada pergunta aplicada no instrumento da pesquisa.

Tabela 1: Pergunta 1: “Você gosta da Matemática?”

| <b>RESPOSTA</b> | <b>(%)</b> |
|-----------------|------------|
| SIM             | 41%        |
| NÃO             | 59%        |
| TOTAL           | 100%       |

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

A tabela 1, faz uma pergunta direta e direciona a essência da pesquisa que é o gostar da Matemática. As respostas dos alunos-professores (correspondente: 12 – SIM; 17 – NÃO) demonstraram um perfil observado em sala de aula que mostrou que a maioria não gosta da matemática, apesar que, também, observamos que alguns alunos podem não ter respondido de forma correta devido a aproximação do pesquisador com a turma avaliada. A maioria (59% das respostas) optou pela resposta não no seu gostar da matemática, porém existe uma porcentagem relativamente próxima (41%) que informaram sim em seu gosto pela disciplina e, portanto, podemos dizer que estes não estão distantes da identificação propriamente de seus estudos. Percebeu-se, também, numa forma de observação e na pergunta que existiu por parte dos alunos-professores uma expectativa e confiança em relação a postura de ensinar e aprender do pesquisador com a turma que sempre buscou um ensino significativo e próximo da sua realidade profissional, pois, assim, eles podiam ter se confundido a pergunta com o seu estado antes e o que estão hoje. Situação sanada no momento, mas que pode ter influenciado num contexto da visão da pergunta.

Tabela 2: Pergunta 2: “Qual é a sua condições de lecionar a Matemática nas séries iniciais do Ensino Fundamental, Ensino Infantil ou EJA?”

| <b>RESPOSTA</b> | <b>(%)</b> |
|-----------------|------------|
| ÓTIMA           | 4%         |
| BOA             | 10%        |
| REGULAR         | 55%        |
| PÉSSIMA         | 31%        |
| TOTAL           | 100%       |

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

A segunda pergunta procura descobrir e entender a sua condições de lecionar a Matemática nas séries iniciais do Ensino Fundamental, Ensino Infantil ou EJA. Nesta pergunta

que constava os quesitos/número de alunos-professores a) ótima (1), b) boa (3), c) regular (16) e d) péssima (9), 86% declararam que é regular ou péssima sua condição de lecionar a área de estudo da Matemática. Numa análise pontual podemos verificar que num contexto de distanciamento da Matemática e sua atuação docente futura, apenas 14% (que indicaram ótimo e bom) se mostraram seguros e que se sentem em condições de lecionar a Matemática nas séries iniciais do Ensino Fundamental, Ensino Infantil ou EJA. Numa observação informal, mas com grande importância para uma análise dentro da conjuntura desta pergunta, queremos complementar informando que através de observações num contexto geral de todas as turmas e alunos da escola e fora dela e, também, através de questionamentos informais com alunos da Universidade Federal de Alagoas e Faculdades que fazem estágios na referida escola pesquisada este resultado de apenas 14% mostra sim uma realidade de uma falta de empatia com a área de estudo da disciplina matemática e, portanto, uma preocupação no sentido do exercício da função docente futura nesta área específica.

Tabela 3: Pergunta 3: “Qual é a sua vontade de continuidade dos estudos na área da matemática após sua formação?”

| <b>RESPOSTA</b> | <b>(%)</b> |
|-----------------|------------|
| SIM             | 28%        |
| NÃO             | 72%        |
| TOTAL           | 100%       |

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

A tabela 3 mostra que 72% (correspondente a 21 alunos-professores) dos alunos-professores pesquisados responderam NÃO e, assim, traz uma consolidação de nosso objeto de pesquisa que verifica a não identificação com a matemática, pois, através de um percentual alto, se visualiza o não interesse em procurar dar continuidade ao aprender contínuo que um bom

profissional em exercício docente necessita para se atualizar ou desenvolver maneiras diferentes de lecionar sua aula, seu conteúdo, sua didática, enfim, de ser um docente diferenciado numa disciplina que muito necessita desta vontade e motivação para transformar esta área de estudo tão combatida e distante em seus resultados e aprendizados de formas negativas e desfasado de significado. Portanto, os dados colhidos mostram fatores importantes de constatações que alcançam nosso objetivo de investigação.

Os resultados finais, mesmo sendo uma pré-pesquisa de cunho que podemos considerar pessoal ou laboratorial escolar, observamos que os dados levantados e analisados mostram preocupação para o ensino e aprendizagem dos que querem aprender, gostar e desenvolver uma Matemática de forma significativa e prazerosa que verdadeiramente seja entendida como objeto de importância de sua vida dentro e fora da escola ou como aluno ou cidadão. Neste sentido, ficamos com uma dúvida direta de nossos futuros professores: quem não gosta ou não se identificar com algo, será que um dia irá procurar fazer bem este algo? Quem nunca se identificou ou não gostou de estudar Matemática, ensinará ou fará alguém gostar e aprender a Matemática?

Além disso, uma preocupação marcante e realizada na forma de observação do dia-a-dia na sala de aula, que forma direta ou indireta influência nos dados coletados nos dois períodos, é a dificuldade com os conteúdos matemáticos, bem como a falta de afinidades com a disciplina, que advém de uma dificuldade ou medo da aprendizagem da área desde suas formações anteriores.

Os resultados, também, nos traz uma preocupação maior que é o fazer ensinar contemporâneo de qualquer disciplina com um ensino voltado para o aluno cidadão, de forma interdisciplinar e multidisciplinar e dentro de verdadeiros significados não somente educativos, mas social e para uma formação, também, profissional. Para tanto, identificar-se com seu ofício, seja a matemática ou outra área de estudo, é ser um profissional da Educação em condição de construir um ensinar em sala de aula de forma diferenciada do que observamos e necessitamos atualmente, pois nossa problemática de proposta futura tem como objetivo futuro compreender, discutir e refletir para que decisões sejam tomadas e implementadas, no intuito de encontrar em nossos futuros professores ou os que já atuam em sala de aula uma identificação com outro olhar para a disciplina, conseqüentemente, trazendo uma melhoria de seu processo de ensino-aprendizagem da matemática, e, conjuntamente, com uma formação docente voltada para o melhor do seu fazer.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é uma interação entre dois objetivos de propostas de pesquisas com um objeto de pesquisa que tem a mesma problemática: o primeiro que veio para verificar uma inquietação observada em sala de aula na formação de professores e a outra, a ser realizada futuramente, de uma pesquisa ampla, orientada e completa em nível de tese de doutorado. Ao iniciar esta primeira fase do trabalho de pesquisa, que chamamos de pré-pesquisa, tendo o enfoque no ensino da matemática no universo docente, que nos remetia à análise de situações que envolviam as dificuldades do aprender e do gostar da matemática. Entretanto, as dificuldades e afinidades de aprender matemática podem ocorrer por diversas situações e em suas várias etapas da aquisição de seus saberes, e é imprescindível que haja uma preocupação maior com relação a como se lidar com o seu aprendizado, deixando de torná-lo complexo e sem significado.

Portanto, refletir sobre o papel da identificação na formação de um educador é de extrema importância na aquisição de habilidades e competências para o ensino da matemática, e os resultados obtidos criam análises que nossos professores que irão precisar ensinar a matemática possuem dificuldades cognitivas variadas a serem pesquisadas de uma forma mais organizada e ampla.

E nesta configuração que este trabalho retrata para uma segunda etapa que ampliar a investigação para ter uma intenção de verificar esta causa, e articular mecanismos que possam fortalecer o enlace entre seus elos educacionais, e que possibilitem a conquista de novos rumos. Neste sentido, concluímos que a formação docente e seu verdadeiro profissionalismo perpassam no além do precisar dominar os saberes conceituais e metodológicos de sua área numa formação inicial ou continuada, mas entrelaçam-se no cultivar os sentimentos do gostar e sentir amor no que deseja fazer do ensinar e aprender, pois nossos alunos e a conjuntura atual do ensino da matemática necessitam construir uma melhor desenvoltura no interesse e crescimento de aprendizagem desta área de estudo.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. *Currículo, território em disputa*. Petrópolis, RJ: Vozes. 2011.

BICUDO, M. A. V. *Pesquisa em educação matemática: concepções e perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). IDEB/2013 – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/portal\\_ideb/documentos/2014/ideb\\_brasil\\_2013.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/portal_ideb/documentos/2014/ideb_brasil_2013.pdf). Acessado em: 22/08/2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBANÊO, J. C. *Adeus professor, adeus professora: novas exigências educacionais e profissão docente*. São Paulo: Cortez, 2004.

TARDIF, Maurice. *Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação do magistério*. Universidade de Laval/PUC-Rio, 2000. (mimeo)

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TIBA, Içami. *Disciplina, limite na medida certa*. São Paulo: Gente, 1996.